

A EXPRESSÃO CONCRETA DO MITO DE ROMA (em um trecho da *Eneida* de Virgílio)

Márcio THAMOS*

Resumo

O artigo traz uma análise, do ponto de vista da expressividade poética, de um trecho do Canto I da *Eneida*, que corresponde a um breve resumo da história de Roma, e procura mostrar como a idéia mítica do destino glorioso da Urbe ganha plasticidade nos hexâmetros de Virgílio.

Palavras-chave

Expressão Poética; *Eneida*; Hexâmetro; Poesia Latina; Virgílio.

Abstract

This essay is an analysis of poetical expressiveness in an excerpt from the first Canto of *The Aeneid*, which corresponds to a short summary of Rome's history, and attempts at showing how the mythical conception of the Urbe's glorious destiny is treated in a plastic manner by Virgil's hexameters.

Keywords

Hexametre; Latin Poetry; Poetical Expression; *The Aeneid*; Virgil.

*Departamento de Lingüística – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800-901 – Araraquara – SP. E-mail: marciothamos@uol.com.br.

O mito da predestinação de Roma é bastante conhecido e ganhou sua maior expressão na arte de Virgílio. Obras de vulgarização explicam com facilidade que a *Eneida* teria sido escrita a pedido de Otaviano Augusto, ávido por ver enaltecidas as origens da Urbe¹. Certamente não desagradava ao imperador ouvir do próprio Júpiter a confirmação de que os romanos eram “os senhores do mundo”², ou ter sua ascendência ligada ao herói Enéias, filho da deusa Vênus. Mas é preciso notar que, mais do que espírito cívico ou desejo de agradar, foi necessário incontestável talento para compor uma obra com tal vulto.

Em um trecho do Canto I da *Eneida* (versos 257 a 296), tem-se a narração resumida do mito de Roma. Trata-se do discurso completo de Júpiter a Vênus, quando esta lhe vem reclamar a sorte de Enéias, o qual, juntamente com seus companheiros troianos, acaba de enfrentar, no mar Tirreno, uma terrível tempestade provocada por Éolo, a pedido da invejosa Juno. A fim de facilitar a referência, dá-se aqui uma numeração autônoma aos versos da passagem selecionada, conforme seguem:

“Parce metu, Cytherea, manent immota tuorum
fata tibi; cernes urbem et promissa Lauini
moenia sublimemque feres ad sidera caeli
magnanimum Aenean; neque me sententia uertit.
5 Hic tibi (fabor enim, quando haec te cura remordet,
longius, et uoluens fatorum arcana mouebo)
bellum ingens geret Italia populosque ferocis
contundet moresque uiris et moenia ponet,
10 tertia dum Latio regnantem uiderit aestas,
ternaque transierint Rutulis hiberna subactis.
At puer Ascanius, cui nunc cognomen Iulo
additur (Ilus erat, dum res stetit Ilia regno),
triginta magnos uoluendis mensibus orbis
imperio explebit, regnumque ab sede Lauini
15 transferet, et longam multa ui muniet Albam.
Hic iam ter centum totos regnabitur annos
gente sub Hectorea, donec regina sacerdos
Marte grauis geminam partu dabit Ilia prolem.
Inde lupae fuluo nutricis tegmine laetus
20 Romulus excipiet gentem et mauortia condet
moenia Romanosque suo de nomine dicet.
His ego nec metas rerum nec tempora pono:
imperium sine fine dedi. Quin aspera Iuno,
quae mare nunc terrasque metu caelumque fatigat,
25 consilia in melius referet, mecumque fouebit
Romanos, rerum dominos gentemque togatam.
Sic placitum. Veniet lustris labentibus aetas
cum domus Assaraci Phthiam clarasque Mycenae
seruitio premet ac uictis dominabitur Argis.
30 Nascetur pulchra Troianus origine Caesar,
imperium Oceano, famam qui terminet astris,
Iulius, a magno demissum nomem Iulo.
Hunc tu olim caelo spoliis Orientis onustum
Accipies segura; uocabitur hic quoque uotis.
35 Aspera tum positae mitescent saecula bellis;
cana Fides et Vesta, Remo cum fratre Quirinus
iura dabunt; dirae ferro et compagibus artis
claudentur Belli portae; Furor impius intus
saeua sedens super arma et centum uinctus aenis
40 post tergum nodis fremet horridus ore cruento.”
(1956, p. 15-17)

¹ Cf., por exemplo, o verbete “Virgílio” do *Almanaque Abril* (CD-ROM), 1996.

² “Romanos rerum dominos” (*Eneida*, I, 282).

Apresenta-se, em seguida, uma tradução que procura ser, tanto quanto possível, um equivalente vernáculo para os versos em latim³:

“Não temas, Citeréia, ainda é o mesmo
o destino dos teus; tu verás, sim,
de Lavínia a cidade e as prometidas
muralhas e às estrelas do alto céu
5 o magnânimo Enéias levarás,
pois não voltei atrás em meus desígnios.
Ele (eis que te direi, já que te aflige
essa preocupação, e passo a passo
volverei os segredos do destino),
10 levando uma terrível guerra à Itália,
dominará os povos mais ferozes
e aos homens imporá leis e muralhas,
até o terceiro estio o vir reinando
no Lácio e três invernos se passarem
15 após a submissão dos duros Rútulos.
E teu jovem Ascânio, a quem agora
o cognome Iúlo é dado (este era Ilo
enquanto estava em pé o reino de Ílio),
estará no poder até que os meses,
20 volvendo em sucessão, perfaçam trinta
grandes giros; a sede do reino ele
mudará de Lavínia para a longa
Alba, que cingirá de fortes muros.
Aí, de Heitor a raça reinará
25 trezentos longos anos, até que
Ília, a sacerdotisa real, dê,
por Marte engravidada, à luz dois gêmeos.
Depois, vestindo a pele da ama loba,
Rômulo, satisfeito, acolherá
30 a todos, construirá as marciais
muralhas e, a partir do próprio nome,
chamará de *romanos* sua gente.
A estes, nem no espaço nem no tempo
fixo limites: dei-lhes um império
35 sem fim. E mesmo a rude Juno que ora,
por receio, mar, terra e céu castiga,
mudará seu juízo e, assim como eu,
irá favorecer sempre os romanos,
donos do mundo, povo togado.
40 Assim desejo. Lustrros decorridos,
um tempo chegará em que a casa
de Assáraco terá Fítia e a célebre
Micenas sob o jugo, e Argos aos pés.
Nascerá, de uma nobre estirpe, César,
45 troiano que, estendendo o Império ao mar,
a fama elevará até os astros;
Júlio, seu nome, advém do grande Iúlo.
Serenamente um dia tu o verás
trazendo aos céus espólios do oriente;
50 nas preces, como um deus, será invocado.
Então, os rudes tempos se farão
amenos, com o término das guerras;
a cândida Boa Fé e Vesta, Remo
e o irmão Quirino as leis irão ditar;

³ Optou-se pelo decassílabo como padrão métrico por ser este, na melhor tradição portuguesa, um verso epopéico, comparável, portanto, ao verso heróico latino. O hexâmetro datílico, modelo métrico da *Eneida*, apresenta uma constituição que varia de 13 a 17 sílabas (de acordo com o arranjo de longas e breves que formam os pés, em cada verso). Podendo-se, assim, imaginar a média ideal de 15 sílabas no verso latino, pareceu razoável buscar uma paridade métrica, na tradução, mantendo-se a proporção de 3 decassílabos para 2 hexâmetros.

- 55 duras trancas de ferro fecharão
as portas da sinistra Guerra; dentro
o ímpio Furor, sentado sobre as armas
cruéis e tendo as mãos atrás das costas
amarradas com cem grilhões de bronze,
60 horrendo, rugirá com a boca em sangue”.

O trecho apresentado é um breve resumo da ascensão de Roma, desde suas origens míticas até o estabelecimento do Império. Na sucessão narrativa, quatro heróis são individualizados e valorizados por suas ações: Enéias, “levando uma terrível guerra à Itália, / dominará os povos mais ferozes/ e aos homens imporá leis e muralhas” (*bellum ingens geret Italia populosque ferocis/ contundet moresque uiris et moenia ponet* – v. 7 e 8); seu filho Ascânio (Iúlo) “estará no poder até que os meses,/ volvendo em sucessão perfaçam trinta/ grandes giros; a sede do reino ele/ mudará de Lavínia para a longa/ Alba, que cingirá de fortes muros” (*triginta magnos uoluentis mensibus orbis/ imperio explebit, regnumque ab sede Lauini/ transferet, et longam multa ui muniet Albam* – v. 13 a 15); Rômulo, “satisfeito, acolherá/ a todos, construirá as marciais/ muralhas e, a partir do próprio nome,/ chamará sua gente de *romanos*” (*Romulus excipiet gentem et Mauortia condet/ moenia Romanosque suo de nomine dicet* – v. 20 e 21); e César, “troiano que, estendendo o Império ao mar,/ a fama elevará até os astros” (*imperium Oceano, famam qui terminet astris* – v. 31). Na seqüência, outra importante ação é narrada, mas sem que seja mencionado o nome do herói responsável por ela: “duras trancas de ferro fecharão/ as portas da sinistra Guerra...” (*.. dirae ferro et compagibus artis/ claudentur Belli portae...* – v. 37 e 38). Contudo, é fácil inferir daí o nome de Augusto, chefe militar que, sucedendo a César, inaugura o período conhecido como “Pax Romana”, em que cessam as guerras civis e reina uma certa tranqüilidade por todo o Império. A referência é evidente quando se lembra de que

na espécie de testamento espiritual e político que é a célebre inscrição conhecida por *Res Gestae Divi Augusti*⁴, o imperador ufana-se – aliás, muito justamente – de ter fechado por três vezes o templo de Jano, quando, desde a fundação da Urbe, tal fato só ocorrera duas vezes. Fechar o templo de Jano, como o próprio texto explica, era o costume dos antepassados quando em todo o Império a paz tinha sido restabelecida em terra e no mar por meio da vitória. (ROCHA PEREIRA, 1984, p.218)

Assim, a mítica ação civilizadora de Enéias, o herói que “aos homens imporá leis e muralhas” (*moresque uiris et moenia ponet* – v.8), se consolida por obra de Augusto, que é capaz de, mantendo a grande extensão do Império, impor-lhe a paz. De Enéias a Augusto, completa-se, pois, um ciclo heróico da “história” romana.

Todo o texto é construído de modo a manter esse vínculo entre o herói mítico e o imperador, transferindo-se para a descendência uma herança divina. Para tanto, a cada passo, na narrativa, reafirmam-se os laços consangüíneos que se estendem do troiano Enéias ao romano Otaviano Augusto: ao reinado de Enéias, sucede o de seu filho Ascânio (Iúlo), ao qual seguirá um longo período governado por seus descendentes troianos (*gente sub Hectorea* – v. 17), até que uma sacerdotisa real, Ília, engravidada por Marte (*...regina sacerdos/ Marte grauis...* – v. 17 e 18), dê à luz dois gêmeos que fundarão a cidade de Roma. Mais adiante, quando se fala de César, ele é chamado “troiano de nobre origem” (*pulchra Troianus origine* – v. 34). O próximo passo está, do mesmo modo, implícito na seqüência narrativa que, ao prosseguir referindo-se à “Pax Romana”, sugere o nome de Otaviano como sucessor direto de Júlio César⁵.

⁴“Feitos do Divino Augusto”.

⁵Pode-se também lembrar que o imperador era membro da “Família Júlia” (*Gens Iulia*) e que, como sobrinho-neto de Júlio César, passou a ser chamado Júlio César Otaviano, após sua adoção pelo tio-avô.

Os nomes de Ascânio (Iúlo), Rômulo e César funcionam, assim, como pontos de referência no tempo (e no texto), que permitem traçar uma linha ligando Enéias ao imperador Augusto. Ao longo dessa linha, decorrem ações que se passam em tempos distintos: um claramente mítico, em que atuam os troianos; e outro que já se caracteriza como histórico, em que agem os romanos. O ponto de passagem é representado pela figura lendária de Rômulo, que, segundo a tradição, em 756 a.C., funda a cidade.

O trecho expressa concretamente essa divisão entre tempos mítico e histórico com uma precisão surpreendente: a fala completa de Júpiter se constrói com quarenta versos, e o nome de Rômulo aparece no vigésimo, exatamente o meio da narrativa.

Contudo, para o discurso atemporal de Júpiter, essa divisão não faz qualquer sentido, e, desse modo, sobrepõem-se realidades históricas a acontecimentos lendários e míticos, que se desenvolvem indistinta e naturalmente, mantendo sempre entre si uma relação de causalidade evolutiva. Nessa evolução, é Rômulo quem, a partir de seu nome, estende sua descendência mítica dos troianos a todos os romanos (*Romanosque suo de nomine dicet* – v. 21), a quem, então, o pai dos deuses oferecerá “um império sem fim”, sem limites no tempo ou no espaço (*His ego nec metas rerum nec tempora pono:/ imperium sine fine dedi...* – v. 22 e 23).

Rômulo é, portanto, o elo fundamental entre troianos e romanos, representados, de um lado, por Enéias e Ascânio (Iúlo) e, de outro, por Júlio César e Otaviano Augusto. Assim, a linha evolutiva em que alguns nomes se destacam como sendo de heróis representa também a descendência coletiva de todo um povo: o troiano que se torna romano. A temporalidade métrica dos versos imita essa temporalidade evolutiva, de acordo com o seguinte esquema:

1	Enéias 5	Ascânio 11	Rômulo 20	César 30	(Augusto) 35	40
	Troianos		(Fundação de Roma)		Romanos	
(Os números indicam o verso em que se inicia a narração das ações de cada herói individualizado)						

Assim, pode-se dizer que Roma é Tróia. Mas como conciliar o trágico destino desta última, arrasada na célebre guerra contra os gregos, com a glória infinita prometida à primeira?

Virgílio resolve o inconveniente paradoxo com a criação de imagens poéticas que se completam, confirmando ludicamente a indestrutibilidade de Roma. A primeira, e mais evidente, é a simples narração de parte da estória de Rômulo e Remo. Conforme a fala de Júpiter, os troianos (a raça de Heitor) reinarão no Lácio por trezentos longos anos, “...até que/ Ília, a sacerdotisa real, dê,/ por Marte engravidada, à luz dois gêmeos” (...*donec regina sacerdos/ Marte grauis geminam partu dabit Ilia prolem* – v. 17 e 18). Rômulo e Remo, símbolos do nascimento da nação, são filhos do próprio deus da guerra (Marte), o que garante aos romanos proteção divina contra qualquer inimigo. Mas esses versos são também uma metáfora, baseada em analogia acústica, que mostra bem as origens troianas fortalecidas pela disposição guerreira de Roma. Em latim, *Ilia*, o nome da mãe dos gêmeos, tem dois homônimos perfeitos: *Ilia*, “de Ílio”, isto é, “de Tróia” (cf. *res Ilia*, v. 12), e *ilia*, “ventre”⁶. Desse modo, a imagem é clara: Roma nasce do ventre de Tróia fecundado por Marte.

⁶As três palavras assim tomadas seguem formas de nominativo. O nome próprio *Ilia* é um substantivo feminino de tema em -a-, o adjetivo *Ilia* está no feminino (em concordância com *res*, por exemplo), e o substantivo *ilia* é um neutro plural de tema em -i-.

A idéia mítica do destino de Roma e sua ligação direta com Tróia ganha, ainda, uma sintética expressão icônica a partir da configuração fônica de uma única palavra, ou melhor, da transformação de um nome: Iúlo. Antes de mais nada, cabe lembrar que esse é o único nome de um herói que ocorre mais de uma vez ao longo de todo o discurso de Júpiter, o que, naturalmente, reclama uma atenção maior. No verso 11, quando é apresentado o jovem Ascânio, antes de serem resumidos seus grandes feitos, que permitirão o surgimento de Roma, há uma explicação a respeito de seu cognome⁷: era "Ilo", "enquanto estava em pé o reino de Ílio" (o reino de Tróia), mas mudará agora para "Iúlo" (...*nunc cognomen Iulo/ additur (Ilus erat, dum res stetit Ilii regno)* – v. 11 e 12). Esse comentário parece um detalhe um tanto quanto despropositado, uma vez que é clara a intenção do narrador de ser muito breve em toda sua exposição. Mas passa a fazer sentido quando, no verso 32, se explica que o nome de César, Júlio, é derivado de Iúlo (*Iulius, a magno demissum nomen Iulo*). Cria-se, assim, uma [falsa] etimologia (na verdade, a "derivação" não passa de uma associação por analogia acústica), que é a própria expressão da transformação de Tróia em Roma.

Em latim, tem-se: *Ilus* ("Ilo"), nome que lembra sempre *Ilium*, *Ilion* ou *Ilios*⁹ ("Ílio", isto é, Tróia), que passará primeiro a *Iulus* ("Iúlo" - v. 11 e 12) e depois a *Iulius* ("Júlio" - v. 32). A base fônica do nome original (*Ilus*), composto por duas sílabas, são dois sons: [i] e [u]. O primeiro forma sozinho uma delas (*I-*: sílaba simples), e o segundo é o centro, ou ápice, da outra (*-lus*: sílaba complexa). Na passagem ou "evolução" de *Ilus* a *Iulius*, acrescentam-se, primeiramente, um /u/ (*Ilus* > *Iulus*), e, depois, um /i/ (*Iulus* > *Iulius*). Assim, a base fônica do nome original aparece duplicada no nome final, em que /i/ e /u/ vêm, ainda, justapostos, como a se reforçarem mutuamente (*Ilus* > *Iulius*).

Se *Ilus* (Ascânio) está para Tróia (Ílio), assim como *Iulius* (César) para Roma, tem-se aí a expressão concreta da idéia mítica da predestinação romana: Roma é Tróia que se tornou invulnerável, pois tem agora sua força básica multiplicada e renovada. O verso fundamental que concretiza o mito é *Iulius, a magno demissum nomen Iulo* (v. 32) ("Júlio, seu nome, advém do grande Iúlo"), sua configuração métrica concorre para ratificar o sentido construído a partir da lúdica derivação nominal.

O metro latino é formado por uma seqüência de sílabas longas, indicadas pelo macro (–) e breves, indicadas pela braquia (∪). Uma longa equivale a duas breves.

Agrupadas em unidades rítmicas, as sílabas compõem os pés métricos. O hexâmetro datílico, modelo invariavelmente empregado por Virgílio, é um verso composto por seis pés de quatro tempos cada (uma sílaba breve corresponde a um tempo, e uma longa a dois). Na constituição rítmica desses pés, a primeira sílaba, sempre longa, recebe um acento, marcando uma oposição entre tempos fortes e fracos. Os quatro primeiros pés são dátilos ou espondeus, isto é, unidades compostas pela seqüência de uma sílaba longa e duas breves (–∪∪) ou de duas sílabas longas (––). O quinto pé, que caracteriza o verso, é necessariamente um dátilo (–∪∪), e o último, um espondeu (––) ou um troqueu (–∪). A última sílaba do verso tem, na verdade, sua duração neutralizada pela pausa final, daí a possibilidade de ser longa, no caso do espondeu, ou breve, no caso do troqueu, sem que isso represente variação do modelo métrico de vinte e quatro tempos. Completa esse esquema rítmico, a cesura, uma pausa interna ao verso, fixada, normalmente, após a primeira sílaba do terceiro pé (embora possam ocorrer cesuras em outros pontos do hexâmetro).

⁷Os romanos pospunham o *cognomen* (espécie de apelido) ao *nomen* ("nome da família"), e a este antepunham o *praenomen*. Por exemplo, em "Caius Iulius Caesar", "Caius" é o *praenomen*, "Iulius", o *nomen*, e "Caesar", o *cognomen*.

Fazendo a demarcação dos pés com barras verticais (|), indicando-se a cesura pela barra dupla (||), e os tempos fortes por acentos (/) sobre as sílabas correspondentes, a escansão do verso 32 assim se apresenta:

$$\begin{array}{cccccc} / & / & & / & / & / & / \\ \text{I} \ddot{u} \text{l} \ddot{u} \text{s}, & | & \bar{a} & \text{m} \bar{a} \text{g} & | & \text{n} \bar{o} & || & \text{d} \bar{e} & | & \text{m} \ddot{i} \text{s} \text{s} \bar{u} \text{m} & | & \text{n} \bar{o} \text{m} \bar{e} \text{n} & | & \text{I} & | & \bar{u} \bar{l} \bar{o}. \\ 1 & & 2 & & 3 & & 4 & & 5 & & 6 \end{array}$$

Esse verso constitui uma espécie de ponte figurativa que liga Roma, de um lado (representada por *Iulius*), a Tróia, de outro (representada por *Iulo*). A ocorrência de uma única cesura, quando outras mais seriam possíveis, torna-se significativa, na medida em que obstrui o mínimo necessário essa ligação. Os três pés inteiros que se interpõem a *Iulius* e *Iulo* (2, 3 e 4) são formados apenas por sílabas longas, o que confere a esse passo um andamento rítmico mais solene, como a marcar a longínqua temporalidade que separa o troiano do romano. O sentido desse andamento é reforçado pela recorrência das consoantes [l], [s], [m] e [n], que, com suas qualidades fônicas (derivadas de características articulatórias), imprimem suavidade e fluidez ao verso. A posição dos nomes – nas extremidades do hexâmetro – sugere um paralelo entre o herói mítico e o histórico, ao mesmo tempo que lhes confere destaque. É, no entanto, o nome romano que assume preponderância, pois inicia o verso. Além disso, *Iulius* é a única palavra que aparece com certa autonomia métrica, coincidindo com a estrutura completa de um pé. A palavra *Iulo*, por sua vez, é ritmicamente distribuída em dois pés, e essa divisão métrica separa, não sem conseqüências expressivas, as sílabas *I-* e *-u-*, base icônica da força troiana. Ainda outro fato métrico relevante põe em paralelo os dois nomes para, mais uma vez, homologar a superioridade da fortaleza romana: *Iulius* se inicia no tempo forte (*arsis*) do primeiro pé, enquanto *Iulo* começa num tempo fraco (*thesis*) do quinto pé.

Só resta lembrar, mais uma vez, que o discurso apresentado é proferido pelo próprio Júpiter, e a palavra do pai dos deuses, por exprimir-lhe a vontade (*Sic placitum* – v. 27), torna-se o próprio destino, a própria verdade (ainda que tudo não passe de mera imitação poética).

THAMOS, M. The Concrete Expression of Rome's Myth (in an excerpt of Virgil's *Aeneid*), **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 1, p. 127-134, 2009.

Referências

ROCHA PEREIRA, M. *Estudos de História da Cultura Clássica. Cultura Romana*. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1984. vol. II.

VIRGILE. *Énéide*. 8 ed. Texte établi par H. Goelzer et traduit par A. Bellessort. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

Bibliografia

BORNECQUE, H.; MORNET, D. *Roma e os romanos*. Trad. Alceu Dias Lima. São Paulo: EPU, Edusp, 1976.

COMMELIN, P. *Mitologia grega e romana*. Trad. Th. Lopes. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.

GREIMAS, A. J. et al. *Essais de Sémiotique Poétique*. Paris: Larousse, 1972.

GREIMAS, A. Sémiotique figurative et sémiotique plastique. **Actes sémiotiques: documents**. v. 6, n. 60, 1984.

HARVEY, PI. *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*. Trad. Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, s/d.

LIMA, A. D. A leitura do poético. Questões de Semiótica e de método. **Significação** - Revista brasileira de Semiótica, Ribeirão Preto, n. 1, p. 59 - 79, 1974.

_____. Elementos métricos e sua projeção significativa. Estudos de Semiologia aplicada a alguns versos de Virgílio. **Revista BACAB** - Estudos semiológicos, São José do Rio Preto, n. 1, p. 61 - 87, 1970.

_____. Poesia latina. Anotações lingüísticas e fonoestilísticas. **Significação** - Revista brasileira de Semiótica, São Paulo, n. 8/9, p. 145 - 154, 1990.

LOPES, E. *Fundamentos da Lingüística Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, s/d.

MARTINET, A. *Elementos de Lingüística Geral*. 8 ed. Trad. J. M. Barbosa. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

OTT, W. *Metrische analysen zu Vergil Aeneis buch I*. Tübingen: Niemeyer, 1973.

PRADO, J. B. T. *Canto e encanto, o charme da poesia latina. Contribuição para uma poética da expressividade em língua latina*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997 – exemplar xerocopiado.

TORRINHA, F. *Dicionário latino-português*. 2 ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1937.